

CVM CENTRO DE ESTUDOS VICTOR MEYER
Projeto: Recuperação do acervo da ORM – Política Operária

TESES DE “TIRADENTES”

Documento da ORM - PO, publicado em abril de 1965
Documento digitalizado em: 2009
Fonte: Acervo Victor Meyer

TESES DE "TIRADENTES"*

1. O traço essencial que caracterizou a política nacional antes do golpe e que possibilitou a instauração da ditadura militar sem uma resistência das massas e dos partidos políticos, foi a ausência de um movimento operário independente, capaz de aglomerar em torno de si o campesinato e as camadas radicalizadas da pequena-burguesia. O populismo reinante no movimento das massas trabalhadoras, que diluiu as fronteiras de uma política de classe mediante a penetração das concepções e ilusões pequeno-burguesas no proletariado, permitiu que este ficasse a reboque de uma das facções da classe dominante, que o traiu para evitar um aguçamento das lutas sociais, entregando a proteção da sociedade burguesa-latifundiária às Forças Armadas e escolhendo o acerto com o imperialismo norte-americano.
2. A formação dessa classe operária independente continua sendo a tarefa fundamental de qualquer movimento revolucionário conseqüente no país. A conquista da liderança pelo proletariado brasileiro, numa aliança de classes, que abranja o campesinato e as camadas radicais e assalariadas da pequena-burguesia, é a premissa para qualquer luta revolucionária conseqüente, seja contra a exploração imperialista, seja contra a opressão da reação autóctone.
3. A aliança revolucionária de classes, formada sob a hegemonia orgânica e ideológica do proletariado, só se realizará na prática, na medida em que a nossa classe operária, ou pelo menos a parte decisiva dela, rompa definitivamente com as tradições nacional-reformista – de reforma e modernização da sociedade burguesa-latifundiária – e se lance conscientemente no caminho da luta de classes, sob bandeira própria, que permita a defesa incondicional dos interesses do proletariado e dos seus aliados contra a exploração capitalista. É a premissa indispensável da luta contra a sociedade burguesa-latifundiária, pelo Brasil Socialista.
4. Apesar de depois da derrota de abril, provocada por uma prolongada política reformista e revisionista das esquerdas, todas as condições objetivas para uma conscientização da classe operária estarem dadas, o proletariado dificilmente dará esse passo coletivo sozinho, de força própria. Para a formação da classe operária independente é necessária a atuação de agitadores e propagandistas revolucionários, que definam para ela seus interesses, despertem a sua solidariedade de classe e a autoconfiança na sua força, liderem-na nas lutas parciais e indiquem claramente os seus objetivos finais. Essas tarefas só podem ser preenchidas pelas vanguardas marxista-leninistas existentes, que no decorrer da luta se transformem em partido. O processo de formação da classe operária independente está estritamente ligado ao surgimento do partido revolucionário da classe operária e o progresso deste reflete o amadurecimento da classe operária.
5. A formação do partido marxista-leninista, "independente e oposto a todos os partidos burgueses", só é possível mediante a penetração das concepções

* Circulou a partir de 1966 entre militantes da esquerda revolucionária, em edição mimeografada, como proposta da direção da organização Política Operária. Esta versão foi digitalizada e revisada em fev./2009, com base em cópia original da época. O nome "Tiradentes" é uma referência à data da sua aprovação no CN da Polop.

marxista-leninistas nas massas e uma luta constante e conseqüente contra as ideologias burguesas e pequeno-burguesas reinantes – na esquerda e na própria classe operária. As “alianças” e “frentes” e as ações comuns tácitas, não podem ser feitas em detrimento dos interesses e objetivos de luta proletários, ou mediante concessões ideológicas. As alianças, quando se dão na prática, devem ajudar a clarear as perspectivas dos nossos aliados, levando-os sem prejuízo da ação prática, a ver mais claro o caminho e os meios de luta, como um passo para a formação do partido revolucionário.

6. Na nossa luta cotidiana estamos sujeitos a muitas “alianças” formais ou tácitas, geralmente de caráter transitório. Devemos, todavia procurar criar uma base mais firme na aplicação dessa tática. Os aliados mais chegados são, sem dúvida, aqueles cuja concepção de luta e objetivos mais se aproximam dos nossos. Tratam-se, atualmente das dissidências e “alas rebeldes” do Partido Comunista, existentes no país inteiro, que estão rompendo, em escala menor ou maior, com o reformismo do passado. É de primordial interesse nosso que essa luta interna no PC seja levada às últimas conseqüências, pois encontramos aqui não só uma reserva de quadros militantes, como contatos diretos com o movimento operário, fatores indispensáveis para o futuro partido revolucionário. Cabe a nós dar a essas dissidências toda assistência que aceitarem na sua luta interna e empreender com eles todas as ações comuns, para as quais estejam dispostos. É essa, no presente momento, uma das tarefas fundamentais da Organização, para a qual deve se preparar e se adaptar, tanto na atividade prática, como na luta ideológica.
7. Essas dissidências já representam hoje, em diversos lugares, os parceiros mais chegados para a formulação de uma Frente de Esquerda Revolucionária, para a qual nos batemos há tempos. Não são, todavia, os únicos que estão surgindo. Embora a AP, como organização, dificilmente esteja em condições de romper os padrões da política estudantil e não se enquadre numa luta proletária, cabe a nós procurar influir sobre a sua discussão interna e tentar levar as suas alas mais radicais para posições e atividades mais conseqüentes. Fora dessas organizações maiores encontramos hoje no país inteiro grupos independentes de revolucionários inconformados com a situação, a procura de uma perspectiva de luta. Cabe a nós evitar que esse potencial revolucionário latente se desgaste no isolamento e na clandestinidade.
8. Não devemos perder de vista que a luta pela Esquerda Revolucionária e pelo próprio Partido Operário, que atualmente ainda é travada sob a forma de luta ideológica, principalmente, não abrange mais do que uma parcela da Esquerda e atinge uma parte menor ainda do nosso proletariado. Para despertar a classe para a ação revolucionária é necessário mais. É preciso o exemplo da luta aberta contra a ditadura e o regime. Uma das formas de ação que se impõe no nosso país e que, conforme as circunstâncias, pode se tornar a predominante, é a luta de guerrilha. Depois do golpe militar e o esgotamento das possibilidades de atuação política legal, por parte do proletariado e de seus aliados no campo, a guerrilha, quando enquadrada numa estratégia geral de luta revolucionária, tornar-se-á o catalisador da classe operária e o instrumento prático da aliança operário-camponesa no país. A experiência da luta de guerrilha, que podemos colher nos últimos anos, mesmo na América Latina, mostra que ela por si só não faz milagre, - como freqüentemente se está inclinado a acreditar. Temos a experiência da Colômbia, onde a luta de guerrilha perdura há mais de 20 anos, sem que conseguisse estabelecer laços

comuns com o movimento operário da cidade. Temos, de outro lado, a experiência da Venezuela, onde a guerrilha ficou, por muito tempo, isolada do movimento camponês, e a mercê de alianças e coligações, freqüentemente duvidosas, da cidade. Sem poder entrar aqui numa análise mais extensa, temos de ressaltar que a guerrilha preencherá os requisitos da nossa luta sob as condições de: a) garantir a sua sobrevivência militar, e isso supõe que b) vá ao encontro das aspirações imediatas dos camponeses que terá de mobilizar, direta e indiretamente; mas sua função em escala nacional só se preencherá se c) se identificar politicamente com o movimento proletário das cidades, cujo despertar é indispensável para o processo revolucionário. A guerrilha tem uma função eminentemente política: a de conquistar, mediante a ação revolucionária, a autoridade de lideranças das massas exploradas do país.

9. Há uma conclusão que podemos tirar. Depois do fato consumado da ditadura militar e da supressão violenta do movimento de massas, nenhuma "redemocratização" justificaria o abandono de um dispositivo de guerrilha em preparo ou em ação. Com o golpe e o desenrolar da situação internacional, qualquer espécie de "redemocratização" só pode ser transitória e precária, que dará lugar a investidas reacionárias mais violentas, se o proletariado não destruir as bases sociais dos golpes militares e fascistas. Do mesmo modo como aproveitamos, em nossa estratégia, todas as brechas e contradições que possam surgir no seio da classe dominante, sem abandonar a nossa posição de independência e de desconfiança declarada a todas as suas facções, nós temos de aproveitar, daqui em diante, todas as conjunturas para preparar a luta própria e final.
10. Todas essas tarefas exigem a nossa presença política, mas essa só não basta mais na atual e nas futuras fases da luta. Depois de cinco anos de existência, a Organização está perante a alternativa de tirar conseqüências práticas da sua pregação revolucionária, se quiser preencher o seu papel. Hoje, a "práxis" revolucionária exige de nós, que de fato nos transformamos numa organização da classe operária, que atue no seu meio e que contribua para despertar e transformar a classe. A atividade revolucionária prática torna-se necessária para influir na "realidade nacional", para se fazer sentir nas lutas internas do Partido Comunista e da Esquerda em geral. Torna-se indispensável, antes de tudo, para enfrentar o aguçamento da luta de classes no país, quando a arma da crítica tiver de dar lugar à crítica das armas.

CN da "POLÍTICA OPERÁRIA"

Abril de 1966